

# NO DISCURSO BÍBLICO, O DESCENTRAMENTO DO SUJEITO.

*Josemar Monteiro de Oliveira.<sup>1</sup>*

*A obrigação de falar é muito forte  
e só temos o direito de calar  
quando a palavra nos é recusada.  
A linguagem é lugar de poder e de tensão (...).*

**Susy Lagazzi**

## **Resumo**

Trata-se de uma análise discursiva de linha francesa da parábola registrada pelo evangelho segundo Lucas 15:11-32.

Sob uma ótica discursiva da interpretação dos enunciados o artigo descentraliza a noção de história cronológica para focalizar a noção política de história contida nas palavras. Propõe uma compreensão da palavra como o lugar de opacidade e equivoicidade, mas nunca com o sentido de acabamento. Desta forma trabalha expressões como: Pródigo, Comer, Morto, Reviver, Pai, Filho e Novilho não como termos que encerrem evidências estáveis de sentidos, mas que abrem novos espaços de possíveis reflexões ao leitor atento.

## **Abstract**

It is a discursive analysis of French line of the parable registered by the Gospel according to Luke 15:11-32.

Under a discursive optics of the interpretation of the statements the article decentralizes the notion of chronological history to present an political notion of history contained in the words. It proposes an understanding of the word as the opacity place, but never with the sense of finish. This way it works expressions as: Prodigal, to Eat, Dead, to Revive, Father, Son and Bullock not as terms that contain stable evidences of senses, but that open new spaces of possible reflections to the attentive reader.

---

<sup>1</sup>Prof. Josemar Monteiro de Oliveira é professor na FIAMG e no IAEMG, graduado em Teologia e Letras pós-graduado em Lingüística (PUC-MG) e mestre em Lingüística (UNINCOR-MG).

## INTRODUÇÃO

Um texto é sempre uma oportunidade para uma investigação, uma ou várias (re) leituras que desvendam sentidos todas as vezes que se oportunizam novos contatos. O mais antigo e vendido livro de todas as eras, a Bíblia - palavra de Deus em palavras humanas, é sem dúvida um convite à leitura, releitura, meditação, pesquisa, conversa e diálogos intermináveis.

Sustentando-se no aparato teórico de Análise de Discurso em Pêcheux (1997), linha de pesquisa francesa, esse artigo se propõe a tarefa de aventurar sentidos, sempre inacabados, na narrativa registrada em Lc. 15: 11-32.

Foi pensando nessas possibilidades de sentidos, que constituem os enunciados, que Pêcheux (1997) propôs às interpretações a noção de enunciado como constituído de sujeito, história e ideologia, sistemas cujas fronteiras não estão encerradas umas para as outras. Para ele o texto não era visto como o lugar de interpretações estáveis, acomodadas, a-sociais, a-históricas e que se dão apenas pela compreensão de mundo do leitor, mas antes era visto como um processo discursivo, processo esse que implica o reconhecimento de que há uma historicidade inscrita na linguagem que não nos permite pensar na existência de um sentido literal, já posto, e nem mesmo que o sentido possa ser qualquer um, já que toda interpretação é regida por condições de produção. Essa maneira de ver o enunciado propõe um deslocamento das noções de linguagem e sujeito que se dá a partir de um trabalho com a ideologia.

Na verdade a aventura inesgotável dos sentidos devem estender ao leitor deste artigo um convite a uma metodologia discursiva de investigação bíblica.

## INTERPRETAÇÃO E SENTIDOS

A interpretação é vista sempre como o lugar da busca interminável do estabilizado, do completo, do compreendido, do *entendi*. Tal posição afigura-se como o lugar da garantia dos sentidos e da compreensão do lido, do visto, do ouvido... Essa visão positivista gera tendências, posições e interpretações do mundo, das coisas e das pessoas, destorcidos, distanciados das outras possibilidades de se poder ver, isto é, vir a se entender os sentidos.

A interpretação, para a vida do ser humano, é sem dúvida fundamental para se entender as tendências especialmente no campo do estudo da linguagem. Uma teoria seria necessário para que se desse conta de se analisar os movimentos da linguagem de tal maneira que não fosse vista como o lugar de se entender os sentidos como evidentes estáveis, mas que fosse capaz de acionar os elementos constitutivos da linguagem: Sujeito, História e Ideologia.

O sujeito como “sujeito de linguagem” é sujeito que faz linguagem e é atravessado por ela, isto é, ele se diz através dela e é dito por ela. Esses sujeitos para a Teoria de Discurso de pesquisa francesa são sujeitos ideológicos, não indivíduos *ego-plenos*, mas sujeitos que possuem formas mui particularizadas de ler o mundo, a vida e outros sujeitos; mais ainda, sujeitos de dizeres incompletos e sujeitos a esses dizeres que estão inseridos num momento histórico, mas que são capazes de recorrer pelo recurso da memória a outros momentos quer do passado, quer em busca de predizer o futuro.

É sob esta forma de compreender a linguagem (sujeitos ideológicos) que o texto passa a que o texto passa a ser mais que apenas um texto, mais do que sentidos estáveis e achados, mas enunciações. Uma enunciação que respeite nos enunciados dos sujeitos inscritos nele, sua história, quer cronológica quer política de suas palavras, as possibilidades de equívocos e instabilidades que são geradas quer pelo enunciador quer pelo enunciatário. A interpretação para a Análise de Discurso se faz pelo respeito à instabilidade da história constitutiva do ser que produz linguagem de tal forma que se apresenta como o verdadeiro ponto de partida de uma “aventura teórica”, expressão empregada por Denise Maldidier para referir-se à verdadeira obsessão de Michel Pêcheux por essa noção, a Análise de Discurso.

Conseqüentemente não se pode interpretar, compreender um enunciado em sua plenitude, o que se está a propor é a busca por *como* um enunciado funciona ou *como* ele pode funcionar. Desta forma a incompletude assume o controle de todo o processo de significação. Os sentidos que eram evidências passam a ser considerados “evidentes” apenas quando filiados a outras múltiplas possibilidades de sentidos (o que em outras palavras quer dizer, nunca assumirão papel de evidentes). Filosofando um pouco sobre essas filiações de sentidos diríamos que *o que era para ser, passa a não ser apenas um Ser*. A ambigüidade, nessa pretensa forma de filosofar os sentidos (vistos pelo discurso), inaugura a posição do *Ser* não enquanto centro.

O sujeito mantém-se assujeitado a história, portanto um sujeito constitutivamente ideológico, imerso nas contradições e distorções de seu próprio dizer.

Posicionando-se ora como si mesmo, ora como outro; ora como lembrança de quem é, ora como esquecimento do que era ou poderia ter sido. Esquecimentos, dispersões e incompletudes próprios do discurso (conseqüentemente do sujeito/história) são tratados pelo analista de discurso como sustentáculos do funcionamento da linguagem e constituintes do movimento contínuo da significação.

“A análise de Discurso ocupa, pois esse lugar em que se reconhece a impossibilidade de um acesso direto ao sentido e que tem como característica considerar a interpretação como lugar de reflexão”. (ORLANDI, 1997:3).

(...) “A interpretação não se fecha, apenas tem-se a ilusão de seu fechamento quando na realidade só temos os seus efeitos”. (ORLANDI, 1997:3)

A teoria do discurso, criticando as teorias idealistas (em que a linguagem, transparente é utilizada por um sujeito concebido de modo indiviso), é o lugar de reflexão profunda e que tem conquistado espaço preponderante em todas os campos da ciência humana.

No discurso bíblico o recorte a a parábola do Filho Pródigo é para este artigo essa lugar de impossibilidade de um acesso direto ao sentido o que possibilita fazer dela múltiplos lugares para reflexões coerentes.

## RECORTE E HISTÓRIA

O recorte a ser analisado, como já apontado, encontra-se em Lucas 15:11-32 como segue abaixo:

*11 Continuou: Certo homem tinha dois filhos;*

*12 o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte dos bens que me cabe. E ele lhes repartiu os haveres.*

*14 Depois de ter consumido tudo, sobreveio àquele país uma grande fome, e ele começou a passar necessidade.*

*15 Então, ele foi e se agregou a um dos cidadãos daquela terra, e este o mandou para os seus campos a guardar porcos.*

*16 Ali, desejava ele fartar-se das alfarrobas<sup>2</sup> que os porcos comiam; mas ninguém lhe dava nada.*

*17 Então, caindo em si, disse: Quantos trabalhadores de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui morro de fome!*

*18 Levantar-me-ei, e irei ter com o meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e diante de ti;*

*19 já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus trabalhadores.*

*20 E, levantando-se, foi para seu pai. Vinha ele ainda longe, quando seu pai o avistou, e, compadecido dele, correndo, o abraçou, e beijou.*

*21 E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho.*

*22 O pai, porém, disse aos seus servos: Trazei depressa a*

---

<sup>2</sup>As alfarrobas eram frutos da alfarrobeira. Uma árvore que possui folhas escuras e brilhantes, e produz vagens grandes, sendo estes frutos pisados para alimento de gado e porcos. Os pobres também os empregam na alimentação, e achavam-nos muito nutritivos. Segundo Lachs (1987:308) Um paralelismo rabínico interessante afirmava "Quando os Israelitas são obrigados a comer vagens bravas, arrependem-se". (Levítico Rabbah 13.3; Cântico dos Cânticos Rabbah 1.4)

*melhor roupa, vesti-o, ponde-lhe um anel<sup>33</sup> no dedo e sandálias nos pés;*

*23 trouxe também e matai o novilho<sup>4</sup> cevado. Comamos e regozijemo-nos,*

*24 porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado. E começaram a regozijar-se.*

*25 Ora, o filho mais velho estivera no campo; e, quando voltava, ao aproximar-se da casa, ouviu a música e as danças.*

*26 Chamou um dos criados e perguntou-lhe que era aquilo.*

*27 E ele informou: Veio teu irmão, e teu pai mandou matar o novilho cevado, porque o recuperou com saúde.*

*28 Ele se indignou e não queria entrar; saindo, porém, o pai, procurava conciliá-lo.*

*29 Mas ele respondeu a seu pai: Há tantos anos que te sirvo sem jamais transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito sequer para alegrar-me com os meus amigos;*

*30 vindo, porém, esse teu filho, que desperdiçou os teus bens com meretrizes, tu mandaste matar para ele o novilho cevado.*

---

<sup>3</sup> Tanto nos tempos antigos como nos modernos, os dedos sempre foram adornados de anéis. Com efeito, eles tinham uma significação oficial. Foi neste sentido que Faraó presenteou a José com um anel, quando este foi revestido de autoridade (Gn 41.42), e que Assuero deu também um anel a Hamã (Et 3.10). A razão disto era que o anel se usava como selo, e os selos foram sempre muito comuns no oriente, sendo a sua marca, impressa no documento, equivalente à nossa assinatura. Tinha, também, freqüentes vezes gravado o nome do possuidor, e era usado na mão direita (Jr 22.24). Desta forma o pai do pródigo pôs um anel no dedo do seu filho como sinal de que ele tornava a alcançar o favor paterno e o poder que tinha antes (Lc 15.22).

<sup>4</sup> Na vida dos hebreus, o novilho era considerado a melhor de todas as carnes e sempre havia um novilho reservado para ocasiões especiais.

31 *Então, lhe respondeu o pai: Meu filho, tu sempre estás comigo; tudo o que é meu é teu.*

32 *Entretanto, era preciso que nos regozijássemos e nos alegrássemos, porque esse teu irmão estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado.*

Vendo o texto sob um olhar exegético<sup>5</sup>, isto é, inserido na História, enquanto linear – cronológica - e enquanto contexto, a parábola surge da necessidade de uma resposta de Jesus aos *fariseus e escribas*<sup>6</sup> quando posta em dúvida sua idoneidade (de Jesus) por sentar-se junto a pecadores e *publicanos*<sup>7</sup>.

<sup>5</sup> Exegese é entendida neste trabalho como “descobrir o que o texto significava originalmente, esta tarefa é chamada exegese”. (Fee & Stuart:1984, p.11) Portanto uma forma de, amparado pelo contexto sócio-histórico em que o texto foi produzido, atribuir-lhe interpretação.

<sup>6</sup> Fariseus e Escribas – Grupos sectários do judaísmo bíblico assemelhados aos Saduceus, Zelotas e Essênios que passaram, após o exílio Babilônico a instituir outras 613 leis, a interpretar de interpretações da Lei mosaica (Êxod. 20) as quais deveriam ser seguidas e praticadas pelos judeus. Segundo Monteiro (2004) as leis instituídas pelos sectários do Séc.I eram normas arbitrárias e desumanas que viam na extensão dos dogmas mosaicos uma forma de agradar e YAWEH (Deus judeu) em conceder-lhes libertação política de seus opressores, os babilônios. Os grupos sectários divergiam quanto a algumas interpretações, mas eram unânimes em seguir a Lei mosaica ao pé-da-letra. Os fariseus eram nos tempos de Jesus o maior grupo sectário.

<sup>7</sup> Publicanos – A situação econômica e Israel no tempo de Jesus era desastrosa, havia uma grande pobreza. E, para muitos, uma das causas principais da pobreza consistia nos pesadíssimos impostos cobrados pelo império dominante. Tanto romanos, como seus delegados e seus sucessivos governadores, como Herodes, cobravam sempre novos impostos que se somavam ao que pagavam ao Templo segundo a lei.

No entanto, o mais insuportável nos impostos era o modo como eram cobrados. “Os romanos leiloavam as vagas para coletores de taxas numa espécie de concorrência pública, a saber, para os que aceitassem as menores taxas de juros como comissão, em contratos de cinco anos. Os coletores de taxas recolhiam não somente as taxas e suas respectivas comissões, mas também tudo quanto pudessem embolsar ilegalmente. (...) o suborno pago aos cobradores de taxas pelos ricos aumentava ainda mais a carga que recaía sobre os pobres”.(Gundry1991:30).

A ambição por riqueza tornava os publicanos desonestos e quando esse cargo era exercido por um judeu tornava-se muito mal visto por seus compatriotas que o

À luz do contexto a narrativa traz evidências estáveis de interpretação. Algumas dessas formas estáveis de produzir interpretações, como querem alguns, seria atribuir o lugar de *sujeito-centro* da parábola, ao filho mais moço, a quem também é atribuída a posição de pecador, aquele que rejeita a proteção do pai, que gasta inadvertidamente sua herança, o Filho Pródigo da parábola. Ao pai, querem também outros exegetas atribuir lugar de sofredor, aquele que aguarda ansiosamente o filho, que sofre com a partida e que se apresenta incondicionalmente disposto a perdoar; a figura de Deus. Ao filho mais velho, por sua vez, cabe o lugar de injustiçado, aquele que permanece na fazenda trabalhando e que servindo sem nada receber em troca sente-se desprezado ao ver que o seu irmão, mesmo tendo gastado recursos da fazenda, é honrado por seu pai.

A visão teológica do filho é a visão de interpretação da figura que ocupa lugar protagonista o centro da história, o alvo do amor incondicional do pai que representa a lição estabilizada de que Deus está sempre de braços abertos, para posturas e comportamentos como as do filho mais moço. Uma compreensão mais confortável do texto seria ver no filho mais moço a figura do conflito entre o que pensa Jesus sobre religião e seu relacionamento com os pecadores (os que se afastam do pai) e o que pensam os líderes da religião judaica do Séc. I sobre aqueles que por eles são chamados de pecadores no início do capítulo (15:2): *“E murmuravam os fariseus e os escribas, dizendo: Este recebe a publicanos e pecadores e come com eles”*.

Sem que ao sentido seja atribuído um lugar contedúístico de evidências, mas vendo o contexto apenas como um dos agregadores de sentidos, passaremos a pensar no método discursivo como a possibilidade de trabalhar a ambigüidade, a opacidade, o equívoco e a polissemia (LAGAZZI, 1998). Nesse sentido a análise de discurso compreende a exegese apenas como lugar de possibilidades geradoras de possíveis sentidos, mas jamais dá a ela a credibilidade a que se atribui; de a fonte das interpretações e sentidos para o texto baseando-se nos contextos sócio-históricos.

---

considerava pecador da pior classe. Há relato de publicanos no NT como Zaqueu e Levi Mateus, o discípulo que dá nome ao primeiro dos evangelhos, mas que foram acolhidos por Jesus como registra o texto bíblico.



## QUEM É O PRÓDIGO NESSA HISTÓRIA?

A história não acaba aqui. Afastando-nos dessa história narrada e contextualizada, aqui iniciamos uma outra *história*, uma história política de ver os significantes e os sujeitos. Os sujeitos fazedores de sentidos, como apresentado pelo discurso, *castram* as possibilidades de outros olhares, que descentralizem, que incomodem, que rompendo com os sujeitos textuais (vendo-os sob sentidos estáveis de interpretação) proponham um olhar discursivo em que os movimentos se façam em inúmeros sentidos, para inúmeros lugares interpelando-os como sujeitos. Ser filho pródigo é compreensível, na parábola, enquanto os enunciados apresentam a postura e tomadas de posição (ações) do filho mais moço, mas é imprescindível o olhar da equivocidade nas formas-sujeito assumidas pelo pai e o filho mais velho. Quem é o filho pródigo?

Sem protagonista, a parábola se propõe inicialmente uma visão discursiva de um lugar pródigo também para o irmão mais velho e para o Pai. Nisso consiste a possibilidade de novas reflexões para um enunciado, em que os papéis e os sentidos das palavras não possuam um sentido único e dicionarizado, mas se desloquem enriquecendo as reflexões com graça e novas formas de ler o que se diz.

## O FILHO MAIS VELHO

Porque não seria pródigo também o filho mais velho que, como o filho mais moço, é também tão pródigo em não amar? Não seria mais pródigo que o irmão mais moço, o filho mais velho, que querendo gastar (os bens), ou não, se assenta fora de casa revoltado contra seu irmão?

A visão, de sujeito histórico do discurso, figurada pelo irmão mais velho é o lugar daquele que se posiciona junto ao poder, atribuindo-se direitos materiais junto ao pai, junto a fazenda, junto ao *sujeito-de-direito* (Haroche, 1992), diante das posses, diante do irmão. Ele é exemplo pródigo da prodigalidade de amar aos bens e a si mesmo, mesmo mais que seu irmão (o mais moço). É o lugar daquele que não quer entrar em casa (v.28) porque o que entrou (seu irmão) não tinha os mesmos direitos a si atribuídos pelo pai. e por si mesmo

Ele era pródigo o bastante para ocupar o mesmo lugar que ocupava seu irmão. Segundo ele não há espaço para dois tão pródigos assim numa mesma casa. O sujeito pródigo não é o que gastou os bens, apenas, mas o que os gastaria (ou guardaria para si) tivesse oportunidade de fazê-lo; quer da mesma forma que o seu irmão o fez, tão prodigamente, ou de maneira menos extravagante.

Esse filho todo certo, sempre de acordo com *o figurino*, cumpridor de seus deveres não pode ser visto como aquele que apenas ocupa o lugar de trabalhador impecável, mas o lugar daquele que acaba informando ao leitor que havia algo menos inocente por trás do silêncio de toda essa pretensa honestidade e trabalho: *O direito a... O poder em relação a... O desejo de ser mais pródigo em/que...*

A figura do filho mais velho não é apenas o dedo indicador de Jesus contra os fariseus e escribas de sua época é antes um convite a reflexão à posturas de prodigalidade materialista em relação aos outros sujeitos da parábola.

Essa visão materialista de discurso faz-nos transitar entre os sujeitos deslocando-nos e descentralizando-os; assujeitando-os ao seu dizer e ao seu silêncio. As equivocidades do dizer e não-dizer em conflitos na linguagem produzem ricos sentidos para a leitura respeitando, nas palavras, seus traçados de sentidos possíveis ao estabelecerem suas relações semânticas com os enunciados.

## O PAI

O filho mais moço, tão esperado pelo pai, não chama a atenção do saudoso genitor a ponto dele (o pai) não sentir falta do filho mais velho, que está sentado à porta de casa, que reluta por ser mais pródigo que o irmão e não haver podido gastar/apoderar-se de nada do que lhe pertencia. O lugar do pai é o lugar também de um ser pródigo, mas pródigo no sentido extravagante em amar. Ele é a figura do amor pródigo que aceita tanto ao filho que está dentro de casa quanto ao filho que está fora. Silencia ao pedido do filho mais moço em pelo menos três momentos: quando por ocasião do pedido da partilha dos

bens, quando por ocasião da partida e ainda quando por ocasião do retorno o filho pede que seja um de seus servos (empregados). O pai apenas dirige palavras quando manifesta perdão e promove a festa do retorno. O silêncio<sup>8</sup> do pai é a voz de um falar eloqüente de uma prodigalidade plural de sentidos. O não-dizer não significa que não se produziram sentidos, muitas vezes essa é a forma de significar o que é mais importante e que não se pode dizer em palavras. O silêncio é para o discurso a prodigalidade de sentidos para quem diz sem dizer e para quem busca sentidos mesmo sem entender por que não se disse. A voz silenciosa do pai é pródiga em amar, em esperar, em aceitar, em acolher, em festejar o filho e em recusar a partida e em silenciar.

Nessa história de gastos desafortunados o *pai pródigo* assume o olhar do sujeito que gasta seu próprio nome (seu maior bem), sua própria reputação enquanto dois filhos gastam os seus (do pai) valores materiais. Como pai, é estável pensar no lugar do perdão, (podemos nos acomodar e entendê-lo assim), mas o instável é o lugar incondicional do perdoar, e do acolher sem antes haverem os filhos merecido; um a festiva recepção e o outro a atenção do pai às portas do lar.

É inconsistente entender historicamente, em uma concepção linear, o amor incondicional do pai se não o entendermos historicizando a forma-sujeito<sup>9</sup> do pai e dos filhos. A prodigalidade é o lugar do material que se arrola em efeitos metafóricos e de poderes em confronto e que se movem entre os sujeitos ao longo dos enunciados. Alguns desses efeitos metafóricos que se deslocam ao longo dos enunciados são: bens (vv. 12,13,20), tudo (vv.13,14,31), nada (v.16), campo (vv.15,25), novilho cevado(vv.23,27,30), servos (v.22), meu (v.31), teu (v.32). O pai ideológico da narrativa em meio a toda essa

---

<sup>8</sup> Sobre os sentidos do silêncio no discurso observar a seguinte bibliografia: ORLANDI, Eni Puccinelli. AS FORMAS DO SILÊNCIO: No movimento dos Sentidos. 5ª edição: Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2002.

<sup>9</sup> É a forma pela qual o sujeito do discurso se identifica com a formação discursiva que o constitui. Esta identificação baseia-se no fato de que os elementos do interdiscurso, ao serem retomados pelo sujeito do discurso, acabam por determiná-lo. Também chamado de sujeito do saber, sujeito universal ou sujeito histórico de uma determinada formação discursiva, a forma-sujeito é responsável pela ilusão de unidade do sujeito.

luta pelo ter (entre os filhos) posiciona-se como aquele que silencia porque entende a ambos e também os não deseja perder. O Jesus lucano apresenta um pai possuidor de tudo, compartilhador do que é seu por direito, detentor do direito (jurídico) de dividir, ou não, com seus filhos o que desejam, mas pacificador, solícito e silencioso.

O filho mais moço, que se diz devedor ao Pai, é tido pelo pai como sem débitos. O filho mais velho que se diz credor é informado que o pai não soma créditos, *tudo o que é meu é teu*, diz o pai (v.31); esta é a segunda e última vez que o pai se pronuncia na narrativa. Se significantes, como *pródigo/prodigalidade*<sup>10</sup>, não podem, segundo Pêcheux apud Orlandi (1997), serem vistos como *sentido conteúdo*, gastar em amor é também uma ação pródiga, portanto, não apenas seria pródigo aquele que despense seus bens em favor de si mesmo, mas também em favor de outros (mesmo que estes sejam bens mais que materiais). O amor pródigo, extravagante do pai está sempre posto acima dos desejos e ambições humanas desses filhos que representam as duas ou diversas formas de lidar com o material, (os bens, as posses, os gastos, o consumo), mas que no fundo desejam, da mesma maneira, serem pródigos, de uma ou de outra forma. O filho mais moço era pródigo em gastar o que era, ou não, seu. *Ou não*, na sentença anterior, remete-se ao fato de que nem tudo o que o filho gastou era seu por direito trabalhista, mas possivelmente o seria por direito familiar-adquirido só após a morte do pai. O filho mais velho era pródigo em amar os bens mais que a seu irmão, portanto, tanto o que participa da festa sem merecer quanto o que se decepciona com a postura do pai, são em semelhança tão pródigos quanto o amor silenciado do pai o é pelo bem-estar de seus filhos em participar da festa, em participar do lar.

---

<sup>10</sup> **Pródigo** [do latim *prodigu*] – **1.** Que gasta em excesso, esbanjador, dissipador. **2.** Aquele que dá, distribui, faz ou emprega sem dificuldade e com abundância. **3.** Generoso, liberal. (Biderman,1998:754)

## **QUEM ESTAVA MORTO E REVIVEU, ESTAVA PERDIDO E FOI ACHADO?**

Se, sob olhares distintos, todos são pródigos, cada um em seu desejo extravagante de ser e possuir, quem estava morto e reviveu?

*v.31 Então, lhe respondeu o pai: Meu filho, tu sempre estás comigo; tudo o que é meu é teu.*

*v.32 Entretanto, era preciso que nos regozijássemos e nos alegrássemos, porque esse teu irmão estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado.*

Fora de casa, afirmava o pai, poucas vezes ouvido, para consolar e amenizar a raiva do filho mais velho que, morto e perdido era o estado em que se encontrava o seu irmão (o filho mais moço). Mas se todos eram pródigos, enquanto forma-sujeito, todos eram semelhantemente mortos, estavam perdidos e se acharam, para continuarem a luta material de sempre se encontrarem.

Quem estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado? O pai em certa medida duplamente, porque os filhos encontravam-se distanciados de seus braços paternos. Lembrando que na narrativa os problemas não se amenizam com o retorno do que estava distante, afinal o que estava em casa quer estar distante (recusa-se a entrar). Voltamos mais uma vez à pergunta: Quem estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado?

Inicialmente poderíamos pensar no filho que estivera distante, que perdera os bens e a proteção do pai, mas que acaba reobtendo o *status* social de filho e não de servo. Poderíamos também pensar no filho mais velho que em certa medida é aquele que, ao contrário do filho mais moço, se depara com seu verdadeiro caráter, seu insaciável desejo de justiça e consegue enxergar que os bens valem mais que o irmão e o próprio pai. O que dizer do pai que revive de sua angústia ao reencontrar do filho mais moço, por que se arrepende e volta aos seus braços. Revive também no pai a esperança de fazer com que o filho mais velho desperte de seus sonhos materiais sem que para isso tenha que enfrentar o mundo. Ninguém é passivo de exercer uma evidência estável de sentido, que não seja obrigado a permitir sentidos outros de instabilidades e errâncias. Afinal,

como diz Pêcheux (2002:51):

“(...) todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, lingüisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse lugar que pretende trabalhar a análise de discurso”.

Todos, quando falam da morte ou ouvem sobre ela, falam e enxergam a si mesmos, do que têm de enfrentar para reviverem. O pai na parábola também estava morto, isto é, enfrentou o maior de todos os medos, mas reviveu estava perdido e foi achado. Um filho perdido<sup>11</sup> é sempre a morte do pai. Portanto o pai da parábola é a figura não só de Deus, como querem alguns, mas também do filho, Jesus Cristo, que venceu a morte reencontrando-se com os filhos que também estavam perdidos e foram achados. O Pai e Jesus, ambos um mesmo Deus, morrem em favor de seus filhos e ressuscitam cada vez que um filho volta ao lar. E toda festa celeste é uma comemoração a esse retorno ideológico de desmaterialização (abominação ao ter) e ressurreição. Que lugar ocuparia a morte do novilho, tão importante simbolicamente para os judeus? A morte física. Bem menos importante que a ideológica, a morte como sujeito de si mesmo por uma causa já vencida é a morte de quem já desde tempos eternos decide morrer em favor da vida dos filhos. A morte física de um Deus que se fez homem na pessoa de Cristo serve apenas para que todo ser inteligente entenda o que é um plano de justiça em favor da redenção dos filhos que se foram do lar ou que mesmo no lar lutem ideologicamente por uma sobrevivência independente do pai. A figura do cordeiro nesse sentido por ser vista como a figura da morte e a figura do pai que abraça o filho a figura da vitória de Cristo sobre a morte.

---

<sup>11</sup> Perdido aqui aponta para os mais diversos sentidos possíveis. São possibilidades literais ou ideológicas que produzem nos pais, na família e nos amigos o sentimento de perda.

O sentido ideológico de recusar-se a entrar em casa é não somente o rejeitar do perdão do pai concedido ao irmão, como a não aceitação do perdão do pai a si mesmo na condição de irmão. Rejeitar ao seu irmão é também rejeitar ao pai-ressurreto, a todos da casa, inclusive a morte do cordeiro<sup>12</sup>, tendo como razão maior de seu desejo a seguridade a vida, a abastança e a prodigalidade material. Sentido que poderia não ocorrer se lido da perspectiva do irmão mais moço que aceitara a morte do novilho, perdão do pai e todos da casa. Na condição de filho que aceita a festa, o filho mais moço deseja para si o que deseja para o irmão, para o pai e todos que venham com ele participar da festa. Estar na festa é condição física de uma aceitação ideológica de participante de algo que se recebe sem qualquer merecimento, isso é estar vivo e reviver. A busca por assegurar a si mesmo a existência é a não compreensão de que a morte é sempre o último passo da vida para a ressurreição.

Sempre se julga, o ser humano, em condição de condenar o outro, especialmente quando todas as evidências indicam injustiça plena a *meu favor*. A injustiça plena do filho é a oportunidade da manifestação da justiça plena do Pai a favor deste, mesmo que muitos filhos se achem no direito de julgar o próprio Pai como sendo absolutamente injusto. Estar perdido e morto é a justiça que sempre se quer para os que procuram maus caminhos, mas ser achado e reviver é a justiça que se busca no perdão quando reconhecemos que erramos ao caminhar. Não ver a voz de justiça na postura do filho mais velho é saltar sobre as oportunidades que possibilitam sentidos e reflexões. E ao falar do que o pai havia deixado de fazer em seu favor, o filho mais velho está significando no silenciando de suas palavras a injustiça praticada pelo pai ao ordenar a morte do cordeiro em favor de seu irmão. Sentindo-se injustiçado a morte do cordeiro seria para si morte sem significado, sem importância e sem valia.

---

<sup>12</sup> Os termos novilho ou cordeiro, no Séc.I (sempre representou em todas as épocas), apontado na narrativa, sempre representou para os judeus a figura do esperado Messias, O Cordeiro de Deus. Os escritos descritos na Torá desde o gênesis, com o primeiro sacrifício realizado por Adão e Eva, depois o sacrifício de Noé ao desce da embarcação (após o dilúvio), os sacrifícios de Abraão e todos os patriarcas, os sacrifícios oferecidos pelo povo de Israel pelo deserto até nos tempos de Jesus quando todas as tardes e manhãs novilhos e cordeiros eram imolados no Templo de Jerusalém apontavam para uma figura simbólica que representava uma forma-sujeito que os próprios ouvintes de Jesus, no séc.I, em sua maioria, não estavam a reconhecer.

Sob o olhar da postura religiosa tradicional as expressões *morto e perdido* se confundem enquanto os termos *reviveu e foi achado* se assemelham. Segundo essa postura interpretativa esses sentidos se estabilizam na figura do filho mais moço. Para uma ampliação desta reflexão essas expressões cabem também ao pai e ao filho mais velho. E se as deslocarmos da figura do filho mais moço para as figuras do pai e do filho mais velho, tais sujeitos torná-las-ão equivocadas e distanciadas dos sentidos evocados inicialmente pelo pai. É nesse momento que as reflexões se abrilhantam sem comprometer os enunciados, mas ao contrário possibilitam-se sentidos estáveis e ricos. Como já vimos todas as personagens enquanto pródigas, enquanto incompletas e falhas, estão sempre, também na condição de perdidas e achadas. Porque achar o outro quando nele está o centro de minhas atenções, ou interesses é também achar-me a mim mesmo, é uma forma de estar perdido e ser encontrado estar morto e reviver. Isso deve significar que nem sempre estar morto pode significar apenas estar perdido, por exemplo, na condição do pai. Nem mesmo quem se achou, reviveu, tomemos, por exemplo, a condição do filho mais velho. O filho fora de casa, como encerra a narrativa, ocupa o lugar irreversível, ou não, daquele que estando achado estava mais perdido do que qualquer outra personagem da narrativa. Daquele que, não sendo chamado de príncipe, era seu superlativo manifesto, daquele que tendo casa prefere estar fora, assujeitado à sujeição material. Quer como filho mais moço, quer como o filho mais velho, se enxergar um *justiceiro do bem* é atribuir-se o papel do messias, que a si mesmo não se deu tal privilégio, antes, porém, morreu ideologicamente para si mesmo (na figura do pai) e fisicamente (na figura do novilho) para que os filhos pudessem entender o plano da redenção e alimentando-se dEle vencerem a morte.

### COMER COM ou COMO?

Há na parábola dois momentos em que esse verbo, em sua forma flexionada, é posto em evidência. Nos versículos 16 - *Ali, desejava ele fartar-se* (XORTASTHENAI - χορτασθηναί) *das alfarrobas que os porcos comiam* (ESTHION - ησθιον); *mas ninguém lhe dava nada*, e 23 - *trazei também e matai o novilho cevado. Comamos* (FAGONTES - φαγοντες) *e regozijemo-nos (...).*



Certamente que esse verbo possui não apenas o sentido de alimentar-se. Não seria apenas um verbo bitransitivo, transitivo indireto quando no sentido de Comer *com/de* alguém ou transitivo direto Comer *algo*. Um olhar discursivo propõe um verbo que não possua um sentido que se limite a ação de alimentar-se, mas que ao verbo o sentido de partilha seja também gerado. Quem come na parábola não está se alimentando necessariamente dos restos de alimentos estragados dados aos porcos, até porque a expressão original usada na narrativa para comida dada aos porcos é alfarrobas, alimento usado pelos pobres no Séc. I. Quem come na parábola está apenas alimentando a leitura discursiva de que comer é também compartilhamento de idéias. Comer *com* porcos não é somente comer comida de porcos como sugere a expressão grega *Esthio* (*literalmente alimentar-se, ingerir*), é comer *como* porco, isto é, compartilhar *a mesa* das mesmas idéias, como sugere o verbo *Xortasthenai*. O Jesus lucano não sugere que o filho mais moço tenha comido porcos, o que seria inadmissível para os judeus de sua época: ele comeu das comidas *dos* porcos. Os porcos estão vivos e o filho do Pai desejava “fartar-se” ( χορτασθηναι ) com eles (porcos) *do que* eles (porcos) mesmos comiam (ησθιον).

Alguns sentidos se desvendam a partir desta descentralização do verbo comer e suas possíveis regências na parábola.

*Comer com* é estar em comum acordo com aqueles com quem se come; *comer com* é também comer *com(o)* aquele com quem se escolhe ou opte comer; quem rejeita *comer com(o)* o pai rejeita a comida do pai resultado *come com(o)* porcos a comida de porcos. Deixar o pai à mesa e sair a procura de sua satisfação pessoal (glotonaria material) é desvencilhar-se de suas ideologias (do pai) para participar do que há de mais abominável (comer com porcos). Comer aqui abre espaço para vastas geografias semânticas, todas rompendo com o ser centralizado (egocentrado) propondo reflexões subjetivas e historicizadas para o verbo *comer*.

É preciso, no entanto, voltar as figuras dos filhos que comem e o que eles comem ou rejeitam comer. A prodigalidade dos sentidos não está, como já vimos, na matéria que se come, mas nos efeitos ideológicos que ocorrem no discurso como ou com quem se come.

A atitude do filho mais moço revela sua forma ideológica de comer como porcos quando rejeita a presença do pai, enquanto a atitude do filho mais velho se apresenta quando rejeita comer o novilho que fora morto com seu irmão.<sup>13</sup> Aqui o Jesus lucano não afirma que o filho mais moço comeu *com o* novilho, diferentemente dos porcos, o filho comeu O novilho.<sup>14</sup> O filho participou da carne daquele que morreu, ou melhor, fora morto. A força ideológica daquele que revive quando *come o* é muito mais forte do que a daquele que come *com(o)*. O sujeito que *come o* passa não só a participar em comum acordo das idéias do outro como se constitui a si mesmo as próprias idéias do outro. A casa do pai é não somente lugar de compartilhar *das* idéias é mais que isso, ser as próprias idéias do pai, viver as idéias do pai, participar da vida do pai e isso significa ser filho do Pai. Comer da carne e beber do sangue não significa apenas comer e beber *com(o)*, não significa ser *como*, mas ser *um com*. Se o novilho pertence ao pai e se o filho mais moço come do cordeiro do pai participa concomitantemente da morte, mas também da vitória sobre ela, da vida e vida em abundância (Jo. 10:10).

O filho mais velho rejeita comer o Novilho morto, rejeita ideologicamente ser um com, porque escolhe ser um só, só em si mesmo. O contexto sócio-histórico mostra que quando, no séc.I um irmão mais moço pedia sua parte da herança estava pedindo no máximo um terço de todos os bens, haja vista ser esse o seu direito segundo a lei judaica (Dt. 21:17). Enquanto que o filho mais velho tinha direito a 2/3 da herança. Essa herança só deveria ser repartida após a morte do pai. No entanto o pedido do filho mais moço foi dá-me a parte dos bens que me cabe, isto é, tudo o que lhe cabia (1/3 de todos os bens do pai). Desta forma os bens do filho mais moço, que comia o novilho,

---

<sup>13</sup> Aqui caberiam vários sentidos. Um sentido mais teológico, o que foi empregado no texto, seria o novilho que fora morto com seu irmão, isto é o novilho e o filho mais moço foram mortos, o primeiro para a salvação do segundo o segundo morto para o mundo material. Uma outra regência poderia ter sido usada, o que comprometeria os sentidos mencionados anteriormente, a de que o novilho foi morto para o seu irmão. Atribuindo ao texto, entre outros sentidos, o sentido de que o novilho fora um presente do pai ao filho mais moço, o que apontaria também para um forma teológica mais tradicional de olhar, em que o Pai ocupa a figura de Deus e o novilho a imagem ideológica de Cristo.

<sup>14</sup> Jesus, em muitos momentos, afirma ser o pão da vida. em outros lugares diz ser a carne que serve de alimento àqueles que entram em concerto consigo (ver João 6: 53-58).

era nada, pois tudo esbanjara dissolutamente, por essa razão pede ao pai para ser tratado como um dos servos, enquanto o seu irmão rejeita comer o novilho porque certamente temia perder parte da herança que tinha a ver. Rejeitar a morte do novilho é, entre outros sentidos, pode significar: não compactuar com a vitória, não atentar para o retorno, não aceitar a justiça (como a entende o perdão), não vislumbrar a ressurreição.

Jesus, o filho de Deus, é apresentado como antítese do filho mais moço (da narrativa lucana), mas ambos terminam suas vidas junto ao Pai. Jesus abandona o seu pai para libertar, o filho pródigo abandona o seu lar para ser livre; Jesus se fez servo por amor ao ser, o filho pródigo foi feito servo por amor ao ter; O filho pródigo come com porcos e se torna impuro (segundo as tradições de sua época); Jesus come com porcos (come os *publicanos e pecadores*) e o torna puros (Mc. 2:17); Pela morte, Jesus é vencedor sobre ela; pela ressurreição do novilho (ao alimentar-se da figura do cordeiro) o filho pródigo é vencedor sobre a morte. Finalmente se reconciliam com o Pai e o abraçam. A vitória, pelos caminhos da fé, é a garantia da reconciliação com o Pai.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sujeito é constituído pela linguagem, enquanto contradição e desejo, a história como processo de produção de sentidos e a língua como um corpo espesso e denso atravessado de falhas estas são categorias da Análise de Discurso que só podem prosperar e florescer, se remetidas à noção de discurso que nos oportunizou múltiplas reflexões para a parábola do Filho Pródigo.

Ao descentrar a imagem, tradicionalmente protagonista, do filho mais moço como sendo o pródigo da parábola, o artigo se propôs a deflagrar espaços inacabados de uma pluralidade de novas cores e aromas na narrativa.

A Bíblia é sem dúvida um lugar para a séria e aprofundada reflexão. Desta forma é que esses relevos semânticos apresentam-se como um convite à busca inesgotável de sentidos, tendo em vista um olhar discursivo em que os limites teológicos sejam o respeito pela coerência das afirmações sempre centralizadas de um sujeito *ego-pleno* para suas condições de produção, sua ideologia e sua história.

**Referencial Bibliográfico:**

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **DICIONÁRIO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS**. 2 ed. São Paulo: Editora Ática. 1998.

FEE, Gordon D. e STUART Douglas. **ENTENDES O QUE LÊS? UM GUIA PARA ENTENDER A BÍBLIA COM O AUXÍLIO DA EXEGESE E DA HERMENÊUTICA**. São Paulo: Vida Nova, 1984.

GUNDRY, Robert. **PANORAMA DO NOVO TESTAMENTO**. Tradução João Marques Bentes. 7ª edição: São Paulo: Imprensa da Fé. 1991.

HAROCHE, Claudine. **FAZER DIZER QUERER DIZER**. Tradução Eni P. Orlandi: São Paulo: Editora Hucitec. 1992.

LACHS, Samuel Tobias. **A RABBINIC COMMENTARY ON THE NEW TESTAMENT. THE GOSPELS OF MATTHEW, MARK AND LUKE**. Hoboken, KTAV – USA. 1987.

LAGAZZI, Suzy R. **O DESAFIO DE DIZER NÃO**. Campinas: Pontes, 1998.

MILNER, JC. **O AMOR DA LÍNGUA**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

ORLANDI, Eni P. **TENDÊNCIAS E POSIÇÕES**. Boletim da ABRALIN Atas do I Congresso Nacional da ABRALIN, edição 21 - Junho/1997.

OLIVEIRA, Josemar M. **O SERMÃO DO MONTE EM MATEUS: Uma Releitura Bakhtiniana**. Dissertação orientada por Dr. Sérgio Roberto Costa. — Três Corações: Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações, 2004.

PÊCHEUX, Michel. **DISCURSO, ESTRUTURA E ACONTECIMENTO**. Campinas: Pontes, 2002.